



Veículo: O Liberal		
Data: 15/10/2016	Caderno: Atualidades	Página: 04
Assunto: Evento		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

Psicólogos debatem seu papel nas escolas

FÓRUM

Grupo procura mapear o trabalho dos profissionais em todo o Estado

O auxílio de psicólogos para solucionar diversos problemas encontradas nas escolas do Pará como consumo de drogas, alcoolismo, problemas familiares, sexualidade e bullying foram debatidas ontem no I Fórum Paraense de Psicologia Escolar e Educacional. O evento reuniu psicólogos e profissionais da área de educação no Centro de Capacitação da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Segundo a coordenadora do evento, a professora Aline Beckmann, uma das maiores dificuldades da área é o entendimento sobre a função dos psicólogos nas escolas. O profissional é entendido muitas vezes pela gestão escolar como responsável apenas pelo diagnóstico e encaminhamento de estudantes com algum tipo de problema. “Muitas vezes os alunos adoecem pela cultura de violência que há nos colégios, seja entre os professores, entre o aluno e o professor. Isto gera o bullying. O problema é que é algo sistemático. E temos que mudar a forma de resolver a violência dentro do colégio”, falou.

O grupo de pesquisa Laboratório de Gestão do Comportamento Organizacional da UFPA tem trabalhado para mapear o trabalho destes profissionais no Estado. Um dos objetivos do evento foi congregar os profissionais para que troquem experiências. Os primeiros números das pesquisas do Gestcom/UFPA apontam que, em Belém, das 38 escolas da rede particular sindicalizadas em 2015, 19 possuíam psicólogos em seu quadro permanente. Já na rede pública, das vinte unidades de educação da Secretaria de Estado de Educação (Seduc), sete possuem este profissional, sendo que cada unidade reúne entre 15 a 20 escolas.

Segundo ela, os psicólogos não devem ser “bombeiros” de problemas individuais nas escolas, mas participar da organização escolar discutindo os projetos políticos pedagógicos. Papel do psicólogo neste processo é ficar atento aos assuntos que envolvem a comunidade escolar para saber como trabalhar com eles, como por exemplo, a violência nas periferias que também atingem os estudantes. “Temos experiências de estudantes que são crianças que falam sobre o assassinato por causa do tráfico de drogas. Isto é algo muito presente no cotidiano destes alunos, não se pode ignorar. O psicólogo tem que

ter uma leitura do contexto e ajudar as crianças, mas temos uma cultura de que as pessoas não falam disso”, explicou Aline. A ideia da coordenadora é que os participantes integrem um fórum virtual para continuar debatendo os problemas e participem de outros eventos.